

Patricia Villegas de Jorge

“Gosto muito de ver a política portuguesa de abertura à Hispano-América”

DIPLOMACIA Embaixadora da República Dominicana realça compra de quatro navios-patrolha a Portugal como exemplo das possibilidades de cooperação a vários níveis (da segurança à economia passando pela educação), destaca importância da democracia para a imagem do país como destino turístico, e sublinha a tradicional aliança com os Estados Unidos.

TEXTO LEONÍDIO PAULO FERREIRA FOTO GERARDO SANTOS

A compra de quatro navios-patrolha portugueses pela República Dominicana é um marco recente das relações bilaterais.

Esta aquisição é muito importante para a República Dominicana?

Sim. A compra desses quatro navios realmente fortalece o que é a cooperação do Atlântico em matéria de segurança. Não somente dos oceanos, mas também das costas das Caraíbas, das quais Portugal não se encontra longe, apesar de ter todo um oceano pelo meio. Estamos muito identificados com tudo o que são os desenvolvimentos da marinha portuguesa, que é mestre no domínio dos mares. Então, o nosso presidente, Luis Abinader Corona, quando veio aqui à República Portuguesa em 2024, acordou com o presidente de então, Marcelo Rebelo de Sousa, a compra desses navios. Que foi uma ideia surgida do ministro da Defesa Nuno Melo, que pensou que esses navios poderiam ser os instrumentos ideais para que Portugal cooperasse com tudo o que era a vigilância do Mar das Caraíbas, sobretudo para a parte sul da República Dominicana. A Marinha Dominicana precisa desses navios.

São navios, sobretudo, para vigiar a costa contra os narcotraficantes?

As Caraíbas têm novos piratas. Já não são os piratas antigos que chegavam para roubar o ouro. Agora, os piratas são de outra índole. A luta contra o narcotráfico é um dos padrões mais poderosos dos Estados Unidos, com

os quais cooperamos a 100%, pois este é um mal que afeta muito os nossos jovens. Portanto, esse é um dos pontos. Mas não lutamos só contra o tráfico de droga. Há outros tráficos, de muitos tipos, que vêm, sobretudo, do norte da América do Sul.

Este ano realizou-se em Lisboa um encontro empresarial promovido pelas autoridades dominicanas. Há outro encontro que será realizado no Porto em 2027. Como classifica as relações comerciais e os investimentos cruzados?

Quando cheguei a Portugal deparei-me com uma balança comercial bilateral muito pobre. As relações comerciais inclinam-se em favor de Portugal, que é o país que exporta mais. É um país muito produtor. É uma realidade, uma vez que tem um grande apoio da União Europeia. Por isso, fizemos esse encontro empresarial aqui em Lisboa com o ideal de melhorar essa balança comercial. E, de facto, assim que se fez esse encontro empresarial, começaram os investimentos portugueses na República Dominicana. Agora está-se a importar de Portugal de tudo um pouco. Têxteis, vinhos, investimento na infraestrutura, são os mais importantes. Portugal continua à frente, em virtude também da sua capacidade profissional. Mas nós estamos tentando, agora com o EPA, que é um dos acordos de livre comércio que temos com a Europa, que os nossos produtos não somente entrem pelos portos de Espanha, que são os nossos portos tradicionais, o mais lógico

em virtude da relação de Espanha com a Hispano-América, mas também queremos usar o porto de Sines. E já tivemos uma reunião para que os nossos produtos entrem diretamente, vindos da República Dominicana, em Portugal pelos portos portugueses.

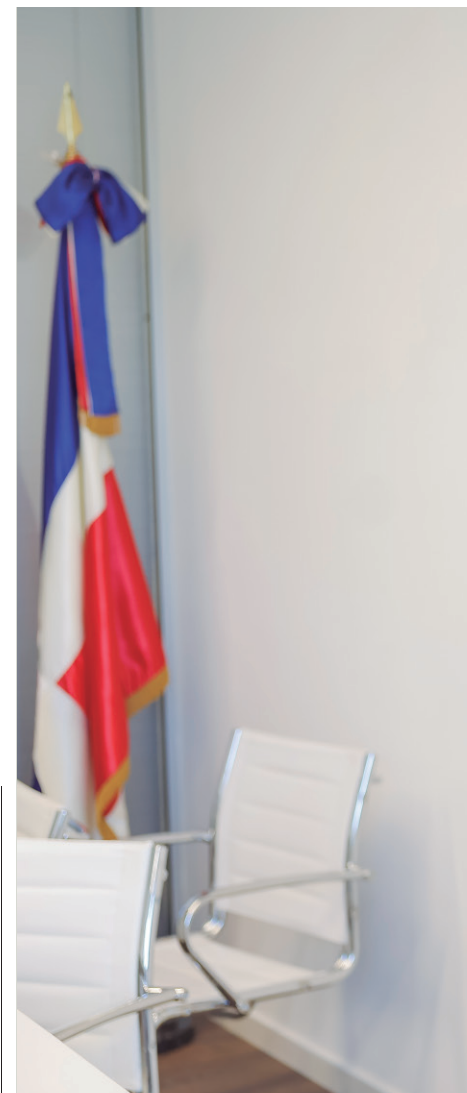
Que produtos imagina a República Dominicana a exportar para Portugal?

Nós temos frutas muito boas de todo o género, manga, ananás, abacate, a banana verde, que aqui acho que trazem basicamente da África, e é normal que importem em Portugal dos países da língua portuguesa. Mas também temos tabaco, temos rum, temos produtos farmacêuticos, e utensílios médicos, que Portugal já compra muito à República Dominicana. Mas a relação económica pode incrementar-se em outros aspetos. Por exemplo, no que são os serviços. Os serviços também são um produto que se pode exportar, e de facto, uma das coisas que Portugal quer dos dominicanos jovens é que venham estudar aqui, para que possam empreender novos negócios em Portugal, sobretudo na área tecnológica. Já acordámos com a Universidade de Algarve, através de bolsas que o nosso país paga, para que venham estudantes dominicanos que queiram fazer pós-graduações e mestrados. E estamos já a tratar com outras instituições. Por exemplo, uma que me interessa muito, em virtude do seu reconhecimento mundial, e sobretudo pela sua tradição, é a Universidade de Coimbra. Eu, que sou advogada e a visitei, fiquei

encantada com a Faculdade de Direito. Estamos a falar de níveis muito elevados a nível de estudos de mestrado e pós-graduação. O Atlântica é também um instituto tecnológico muito bom, e também estamos para assinar um acordo com o nosso Ministério do Ensino Superior, Ciência e Tecnologia, para trazer os jovens para estudar nele. Este Instituto é muito completo. E gosto muito do tema da profissionalização dos bombeiros. Nós estamos muito focados em que Portugal nos ajude a capacitar os nossos bombeiros, visto todas estas catástrofes, e Portugal tem muita experiência em temas de terremotos. Nós também estamos localizados numa falha complicada, vimos agora o caso do sucedido na Venezuela, e uma das iniciativas que tenho, já com conversações a decorrer, é justamente o treino dos bombeiros de Paredes com os bombeiros do Distrito Nacional, que corresponde a Santo Domingo.

Existe também um protocolo a nível das forças policiais?

Sim. Estou em processo de assinatura desse protocolo. Ainda não foi assinado. Temos tido uma grande experiência de formação de policiais. Na minha experiência passada como chefe de missão no Brasil, tive uma grande experiência com a Polícia Militar Brasileira para treinar a nossa Polícia Nacional e até mesmo o exército e a marinha. E essa capacitação é perfeitamente exequível desde aqui. De facto, o superintendente da polícia portuguesa disse-me que já tinham experiência noutros países.



De facto, têm-na e podem perfeitamente organizar treinos na República Dominicana, a nível de, por exemplo, busca e resgate, controlo de motocicletas para proteção de figuras VIP. E, bom, há muitas outras áreas também, desmontagem de bombas, técnicas anti-sequestros, para coisas que não acontecem na República Dominicana, mas nunca se sabe.

Para muitos portugueses, a República Dominicana é um destino turístico. Os turistas portugueses são relevantes em termos de número?

Sim, pelos atrativos do país e também pelos voos diretos. A partir dos anos 2000, foi o auge. Muitos desses voos, depois da pandemia, reduziram-se, e agora estamos a tentar reabrir voos diretos para Santo Domingo também, porque temos voos diretos para Punta Cana e Samaná. Nós gostaríamos muito que fosse a TAP, que é a Linha Aérea Nacional, além de ter renome internacional, que fosse a que voava diretamente, mas, entretanto, temos companhia aéreas que voam direto para Punta Cana e Samaná, mas somente na tem-